

Herbet de Souza

# Democracia e cidadania

O texto a seguir foi escrito por Betinho em fevereiro de 1997. Nele, a história do país é contada pela ótica irreverente que sempre o acompanhou. Não é uma história completa; obviamente não traz as mudanças mais recentes no país, que talvez Betinho tenha imaginado, mas não ousou contar. O texto, ao mesmo tempo em que é incompleto na cronologia dos fatos, é surpreendentemente preso a detalhes que passam despercebidos à maioria das pessoas.

Betinho não está aqui para concluir sua análise sobre a história do país, mas sabiamente nos deixou bons argumentos para que lutemos, cada um e cada uma, pelas mudanças que queremos.



São cinco os princípios da democracia, são cinco e juntos totalmente suficientes. Cada um separado já é uma revolução. Pensar a liberdade, o que acontece em sua falta e o que se pode fazer com sua presença. A igualdade, o direito de absolutamente todos e a luta sem fim para que seja realidade. E assim o poder da solidariedade, a riqueza da diversidade e a força da participação. E quanta mudança ocorre por meio deles.

Se cada um separado quase daria para transformar o mundo, imagine todos eles juntos. O desafio de juntar igualdade com diversidade, de temperar com solidariedade conseguida pela participação. Essa é a questão da democracia, a simultaneidade na realização concreta dos cinco princípios, meta sempre irrealizável e ao mesmo tempo possível de se tentar a cada passo, em cada relação, em cada aspecto de vida.

E sobretudo e acima de tudo coloque o eixo dessa revolução na cidadania, em cada pessoa e em todas. Não no Estado, nem no mercado. Eles não são capazes de dar vida a esses princípios. Essa obra é do homem e da mulher, juntos. O Estado quase sempre mata ou aleija um desses princípios dizendo que se deseja salvar a democracia. Mata um pedaço em nome do todo. O Estado é um animal que precisa ser domesticado. Sem controle da cidadania, logo perde o rumo e faz besteira, corrompe-se e corrompe. O mercado sem o controle da cidadania perde seu gosto pela liberdade e a competição. Entrega-se a uns poucos para servir a minorias.

A maioria das pessoas acredita que a solução dos problemas vem de fora, de algo externo, de alguém ou alguma coisa que fará, por nós e por todos, aquilo que deve ser feito. Uns não sabem viver sem o poder, sem o Estado. Outros não sabem viver sem alguém que manda, o senhor, o padre e o pastor, o empresário, o líder, o patrão. A maioria não sabe viver sem o Estado e o mercado, não sabe viver por si. E esse engano é grande, profundo e perigoso.

Na verdade é tudo o contrário. O Estado não sabe viver sem o cidadão, sem cada um e todos. O presidente não existe sem o cidadão. O mercado não existe sem a participação de cada um. O espelho não existe sem aquele que o vê. Mas muita gente pensa invertido, onde tem efeito vem a causa...

Quando o cidadão descobre que ele é o princípio do que existe e pode existir com sua participação, começa a surgir a democracia. Cidadania e democracia andam de mãos juntas, não existem separadas.

Cidadania não é o individualismo, mas afirmação de cada um em sua relação de solidariedade com os outros.

Cidadania e democracia se fundam em princípios éticos e, por isso, têm o infinito como seu limite. Não existe o limite para a solidariedade, a liberdade e a igualdade, participação e diversidade... A democracia é uma obra inesgotável.

Muitas pessoas falam da democracia americana, francesa, sueca e das imperfeições da democracia brasileira ou argentina. A verdade é que, nesses países todos, existem sistemas liberais e processos desiguais de democratização em curso, principalmente em suas sociedades. Democracia mesmo, plena, não existe em nenhum desses países. O fato de haver eleições é um componente da democracia, fundamental, mas não é condição suficiente para sua existência – assim como a existência de partidos, da separação dos poderes do Estado e do funcionamento da justiça. A democracia é muito mais que tudo isso junto e ainda está em processo de existência e aperfeiçoamento em todo o mundo. A democracia é o futuro que se constrói hoje por meio da ação e da participação de todos e cada um.

A democracia não é inevitável, mas pode ser criada. A democracia não é um atalho, mas pode ser um caminho. Muitas vezes, o atalho é a ditadura.

A democracia não se refere somente à ordem do poder público, do Estado, mas deve existir em todas as relações sociais, econômicas,

políticas e culturais. Começa na relação interindividual, passa pela família, empresa, igrejas, instituições da sociedade civil e culmina no Estado. Uma sociedade democrática é aquela que vai conseguindo democratizar todas as suas instituições e práticas. É uma sociedade penetrada pelos princípios, construída por eles, de forma consciente, voluntária e livre. É o reconhecimento da humanidade de todos por todas as pessoas. A democracia não nasce das máquinas, mas das pessoas. É obra da consciência humana, a mais sofisticada das tecnologias. Um robô, nesse sentido, não é nada. É uma pífia tentativa de imitar o humano.

A democracia tem um olhar sobre o planeta, tem uma visão ecológica, tem carinho pelo mundo como o berço de todo o mundo. A democracia pensa séculos, não vive em função somente do dia de hoje.

No Brasil, a história é longa. Houve um tempo, antes de os portugueses chegarem, em que os povos indígenas viviam seus regimes comunitários em que cabia todo o mundo, uma sociedade de todas as gentes, ninguém era excluído. Não eram todos iguais, mas todos estavam contemplados com alguma parte do que era de todos. É fantástico pensar esse mundo onde cada pessoa tem um lugar, onde ninguém está excluído.

Com a chegada dos portugueses, que naquela época se consideravam a modernidade, começou o regime da escravidão e da exclusão. Índios dizimados, negros africanos escravizados como assalariados, migrantes, trabalhadores de todo o tipo desse tremendo *apartheid* chamado Brasil.

Brasil onde a terra nunca foi bem dividida, sempre concentrada. A riqueza grande, fabulosa para muito pouca gente. E o poder nas mãos de quem tem chicote, cerca de arame farpado, grupos armados. Depois, o poder de quem tem informação e meios de comunicação. Primeiro, a oligarquia e, depois, todos os outros senhores desta terra e dos bens que nela se produzem. Assim foi que se produziu o Brasil para chegarmos hoje a 80% de pobres e milhões de indigentes divididos entre o campo e a cidade. E isso num país onde o que não falta é riqueza. A matemática brasileira soma, acumula e multiplica, não aprendeu a dividir, a compartilhar. Aqui, o bolo sempre cresce, nunca é dividido.

Hoje, temos uma bomba social explodindo nas nossas grandes cidades, literalmente. A miséria concentrada nas grandes cidades foi tomando forma de mendigos, alcoólatras, crianças de rua, contrabando, ilegalidade,

marginalidade, roubo, seqüestro e narcotráfico que se confronta com as próprias forças armadas. E crescendo. As pessoas foram sendo excluídas, mas insistem em sobreviver à margem. Os ricos passaram a viver no medo, em *bunkers* onde se protegem da sociedade que criaram. Essa é uma bomba terrível e que não foi nem está sendo efetivamente desativada, cresce seu poder de destruição como se fosse um fato inexorável que todos vêem, mas não podem evitar.

A falta de democracia criou tudo isso. Só a democracia pode nos livrar desse futuro que, para muitos, já é o presente.

Mas a nossa história foi também a da luta pela democracia. Os índios resistiram, não se entregaram, foram sendo dizimados. Eles, segundo alguns, eram 5 milhões no começo, antes da ocupação portuguesa. Hoje, não passam de 200 mil. Os negros resistiram até hoje, no Brasil racista que insiste em dizer que não é... Os camponeses sem terra resistem até hoje. Os trabalhadores se organizam em sindicatos. Os intelectuais alimentam as utopias. Os artistas alimentam os valores da democracia.

Em tempos mais recentes, Getúlio foi o líder de um Estado que tentou domesticar a sociedade, apelando para uma ordem social de desiguais que deveriam viver como se não fossem. Getúlio e getulismo duraram mais de 30 anos. Provocou a reação de liberais, um grupo de elite que queria a democracia para si, na garupa vinha a onda democrática. Getúlio morreu e o getulismo também. O Estado foi liberalizado mas não democratizado. A sociedade aprendeu a rejeitar o autoritarismo e se abriu para outras experiências, nem sempre felizes.

A história recente do Brasil nos fala dessa luta entre uma corrente democrática que emerge e uma corrente autoritária que resiste.

A corrente democrática vem sempre de baixo, da sociedade civil para o Estado, dos excluídos para as camadas mais privilegiadas, da planície para o Planalto.

Quando Getúlio se suicidou pressionado pela elite insatisfeita, a política brasileira sofreu um tranco e um trauma. O poder matava, o poder era também tragédia humana para quem o exercia. Ele, que fora o ditador, abriu as portas para um processo de democratização, não com sua vida, mas com sua morte. A morte da era Vargas. O fim que abriu caminho para um novo início.

De expressivo, depois de Getúlio, foi JK. Um mineiro que gostava de desenvolvimento sem ditadura. JK embarcou na onda

do desenvolvimento e deu todas as cordas possíveis para o capital nacional e internacional sob o patrocínio e benesses do Estado. Não pensou no Brasil pobre que já existia. Pensou na classe média que queria carros. Abriu as portas do país para a indústria automobilística. O Brasil passou a produzir automóveis. As transnacionais lotearam o Brasil. JK satisfeito, a classe média também. Mas no caminho do Brasil tinha uma pedra, que se chamava Jânio Quadros. Um louco pelo poder e no poder que via do voto. Uma loucura geral tomou conta do país por sete meses. Ele não resistiu e renunciou, o que no Brasil é a prova final da loucura, renúncia ao poder. Jânio mostrou como a loucura pode se instalar no poder. Certamente, não foi a primeira vez, nem a última.

A era Jango foi curta e didática: acabava com a tênue democracia que buscava as reformas para incluir as maiorias no processo de desenvolvimento. Acabou com a realidade liberal democrática: cassou partidos, congresso, justiça, cassou a soberania popular, acabou com o voto para presidente e colocou os militares acima de qualquer poder, acima da cidadania. Colocou uma arma na garganta do Brasil e na boca do povo.

Foi um longo período sem liberdade, sem democracia. O país voltou ao tempo da tortura política da era Vargas, com mais sofisticação e violência. Mais de 10 mil pessoas torturadas, mais de 150 assassinatos políticos, muito medo, muita censura e muito desenvolvimento liderado pelo robusto Delfim, que, seguramente, nunca passou fome em sua vida. Mas é preciso reconhecer que a ditadura militar teve dois líderes intelectuais: o economista liberal autoritário Roberto Campos e o ideólogo militar Golbery do Couto e Silva. Estabelecidas as bases dessa dupla ditadura, econômica e política, o resto foi consequência de Castelo a Figueiredo.

Mais crescia a ditadura, mais crescia também a resistência democrática. O autoritarismo estava no poder, a democracia crescia e resistia na sociedade civil. Para cada general, um Chico Buarque. Venceu Chico. Venceu a cultura, venceu a democracia. Aquele *round*. Depois de longa luta contra a ditadura, ela foi finalmente vencida em seus aspectos mais sombrios e duros. Continuou a exclusão da maioria, mas o núcleo duro da repressão foi desarticulado. Sem a violência da repressão, predominou o anseio da liberdade.

No fim dos anos 60, estudantes e trabalhadores, aliados aos intelectuais e artistas, ocuparam as ruas, apesar do AI-5 e da repres-

são violenta. Apesar da censura à imprensa. Os trabalhadores do ABC desafiaram a ditadura fazendo greves, manifestações de massa. Esse movimento por melhores salários e democracia foi maciço, fecundo, contaminou o país, animou a resistência. Foi mais um passo para colocar fim na ditadura. Produziu, além disso, um partido político, o Partido dos Trabalhadores e um líder nacional, operário. Outra grande novidade da democracia. Lula, Luiz Inácio Lula da Silva.

Começava a era das grandes manifestações pela democracia e a demonstração de que uma nova mistura de atores sociais iria produzir uma nova política.

A luta política foi dura: primeiro pela anistia para fazer voltar milhares de pessoas excluídas de seu próprio país. Depois, pelas Diretas e pela nova Constituição, tudo isso com grande participação popular e uma expressiva apatia da elite, que não acreditava em nada disso, nunca teve gosto pelas lutas da democracia. A elaboração da Constituição de 1988 foi um incrível exercício de participação da sociedade civil na definição de suas instituições democráticas. Milhões de pessoas se reuniram para discutir a lei maior, influenciaram o Congresso e propuseram artigos de lei. Porque, dessa vez, ela iria valer. Hoje, ela recebe críticas, mas, sem ela, não haveria fim da ditadura, princípio da democracia.

Depois da nova Constituição, veio a tragédia de Tancredo, aquele que se transformou em mito porque também morreu. Getúlio morreu depois de experimentar 30 anos de poder. Tancredo morreu antes de experimentar o poder. Morreu na porta. De todo jeito,

O país voltou  
ao tempo  
da tortura  
política da era  
Vargas. Muito  
medo, muita  
censura e muito  
desenvolvimento  
liderado pelo  
robusto Delfim,  
que, seguramente,  
nunca passou  
fome em sua vida

Essa é uma história real, tão fantástica quanto a ficção, na qual o impossível acontece quando menos se espera, na qual a vida resiste à morte, na qual a solidariedade invade os corações

morreu junto do poder e foi enterrado como presidente sem ter sido, apesar de uma luta pelo poder que durou uma existência. E não chegou. Presidente morre, presidente não é absoluto, presidente é gente, mortal. O Estado é precário, mortal. Tancredo dessacralizou a presidência, como Getúlio dessacralizou o poder do Estado. Afinal, somos todos, todos, mortais. Esse drama contagiou milhões que assistiram ao enterro do presidente que nunca foi e sempre quis ser. A morte é uma grande parteira.

Aí veio a primeira eleição direta geral, uma grande mobilização democrática e o desastre pela mão da eleição direta: Collor de Mello. Um fenômeno da mídia, do descrédito da política tradicional, da fome de mudar. Pela segunda vez na política recente, a sociedade elege um louco para presidência. Jânio redivivo em Collor. A tragédia vira farsa ou sempre foi?

A elite dominante e os setores médios, contaminando a classe média, com medo de Lula, que seria a mudança, acabam dando a vitória a Collor, cuja aparência de mudança não foi capaz de confundir o partido da ordem: votaram nele para impedir que a mudança viesse pela mão de

Lula. A aliança mais ativa se deu entre a mídia e sua elite. Apesar de uma das maiores operações de mídia já realizada no Brasil, assim mesmo Lula obteve mais de 30 milhões de votos, perdendo por 5 milhões num colégio eleitoral de 80 milhões. A democracia crescia com a votação de Lula, quase dava para ganhar uma eleição, havíamos avançado muito.

A loucura e a arrogância no poder, no entanto, não duraram muito. Brotando da sociedade civil, um movimento tomou conta do

país. O movimento pela ética na política foi crescendo na consciência de cada um: contra Collor, contra a corrupção e a mentira na política. No início se pediu a CPI, depois o *impeachment*. Milhões de pessoas voltam às ruas para manifestar sua vontade. Um grupo de cidadãos sai da sede da OAB em Brasília para entregar ao Congresso o pedido de *impeachment*. Eram apenas cidadãos, mas tinham a causa da democracia nas mãos. Venceram uma batalha que parecia impossível.

Entramos no período Itamar, um intervalo de dois anos que ajudou a restaurar a confiança da sociedade nela mesma e a não se jogar nos braços da salvação que viria, e nunca veio, do Estado. Itamar teve o mérito de restaurar a normalidade depois de uma crise aguda de loucura colorida que se anunciou montada na garupa do neoliberalismo importado da Srt<sup>a</sup> Thatcher. Jânio também gostava de importar coisas da Inglaterra, os ônibus vermelhos. Pelo menos foram úteis.

Foi depois do *impeachment* que o Movimento pela Ética na Política abriu os olhos para a incrível convivência entre democracia e miséria. Nasceu o movimento Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida.

Inspirada nos cinco princípios da democracia, a Ação da Cidadania se propôs a realizar a obra do século: erradicar a miséria, mobilizar a sociedade, gerar atos de solidariedade, distribuir alimentos, criar empregos e mudar a face, a cara da sociedade brasileira.

Esse movimento ganhou a sociedade, corações e mentes, e virou realidade. É que democracia não vive sem solidariedade, sem amor à igualdade, sem a participação de todas as pessoas nas mudanças que vêm por meio da ação, que não é puro discurso, nem vive das promessas do amanhã, esse amanhã estrutural que nunca acontece na conjuntura. Entramos com a ação da cidadania numa nova era, numa nova política, no caminho da democracia.

E novas eleições se apresentaram, mais uma vez demonstrando que a democracia avança e o autoritarismo regride, que os desafios são imensos e que é fundamental confiar cada vez mais na cidadania.

Essa é uma história real, tão fantástica quanto a ficção, na qual o impossível acontece quando menos se espera, na qual a vida resiste à morte, na qual a solidariedade invade os corações das pessoas, na qual o pessimismo acaba derrotado pela vida, pela fantástica capacidade que as pessoas têm de mudar e de promover a mudança. ■

# DEMOCRACIA SE FAZ COM PARTICIPAÇÃO

É possível construir um país radicalmente democrático, mais justo e com oportunidades para todos e todas, com base na participação e no respeito e valorização da diversidade. É à luz desses princípios e valores que os problemas mais cruciais de nosso tempo – a miséria e a pobreza; a desigualdade econômica, política e cultural, negadora dos direitos humanos; a violência e a opressão e a destruição das bases da vida – devem ser vistos, qualificados e enfrentados.

Há 24 anos, o Ibase trabalha para a construção de uma sociedade democrática, desenvolvendo campanhas públicas, monitorando processos legislativos e políticas públicas, formando lideranças; exercendo um papel de vigilância e de defesa das causas públicas e de promoção do bem comum. Seus principais temas são: segurança alimentar e nutricional, participação cidadã no espaço público, responsabilidade social e ética das organizações, questões de juventude, economia solidária e democratização das cidades.

**"Só a participação cidadã muda um país"**

Betinho (fundador do Ibase)

**Betinho**  
**iBase**  
Instituto Brasileiro de Análises  
Sociais e Econômicas

Avenida Rio Branco, 124, 8º andar - Centro  
CEP: 20148-900 Rio de Janeiro, RJ

[www.ibase.br](http://www.ibase.br)

